



QUALIS
A2



**MANEJO COMPORTAMENTAL EM PROCEDIMENTOS
ODONTOPEDIÁTRICOS INVASIVOS: REVISÃO DE LITERATURA¹**

**BEHAVIORAL MANAGEMENT IN INVASIVE PEDIATRIC DENTAL
PROCEDURES: LITERATURE REVIEW**

Nathalia Felix de Leiros FERREIRA
Associação Brasileira de Odontologia (ABO)
E-mail: nath_leiros@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-1201-749X>

Sane Nacif ABADESSA
Faculdade São Leopoldo Mandic
E-mail: sanenacif@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-1786-7698>

Micaelli Marçola SANTOS
Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)
E-mail: micaellimarcola@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-2187-7892>

Gissele Lima RIBEIRO
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
E-mail: gisselelima@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-1763-7140>

Pedro Augusto Dias LIMA
Odontoclínica Central da Marinha (OCM)
E-mail: pedroadlima@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0002-0250-9348>

Paulo Vinicius de Oliveira BASTOS
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: paviolba75@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-2449-3010>

Caroline dos Santos Alcantara OLIVEIRA
Instituto Odontológico de Pós-Graduação (IOPG)
E-mail: carolines.alcantara2016@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-4214-5955>

Josiel Abrahão Pereira de OLIVEIRA
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: josielapoliveira@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3245-7430>

¹ COMO CITAR: (ABNT): FERREIRA, N. F. L. Manejo Comportamental em Procedimentos Odontopediátricos Invasivos: Revisão de Literatura. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Abril de 2026 - Ed. 73. VOL. 01. Págs. 401-415. Disponível: <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

Marcia Carolina Franco de Sá DALBONE
Universidade UNIGRANRIO
E-mail: dalbone.marcia@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-1057-8138>

Gabriella Dantas de ALMEIDA
Universidade Tiradentes (UNIT)
E-mail: Dra.gabrielladantas@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-0994-4036>

Andreza Calazans RODRIGUES
Instituto Nacional de Ciências Odontológicas (INCO 25)
E-mail: Calazansand@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-1295-2312>

Sarah Frota LOIOLA
Universidade Nova Iguaçu (UNIG)
E-mail: sarahfmedf@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-0589-3106>

RESUMO

O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão de literatura sobre as técnicas de manejo comportamental não farmacológicas aplicadas em procedimentos odontopediátricos invasivos. Foi conduzida uma revisão narrativa de literatura nas bases de dados PubMed/Medline, SciELO, LILACS, Bireme e Google Scholar, com artigos publicados entre 2015 e 2025, focando em abordagens não farmacológicas para procedimentos invasivos. Os principais resultados demonstraram que as técnicas verbais, como "dizer-mostrar-fazer", distração e reforço positivo, constituíram a primeira linha de abordagem para reduzir a ansiedade e construir confiança. Evidenciou-se que para procedimentos invasivos, o manejo físico (estabilização protetora) foi considerado um último recurso, aplicável apenas após a falha das técnicas verbais, mediante consentimento informado e com rigor ético para evitar traumas. Concluiu-se que a aplicação eficaz de técnicas não farmacológicas, especialmente as baseadas na comunicação e distração, foi determinante para o sucesso clínico e a promoção de uma experiência positiva em procedimentos invasivos.

Palavras-chave: Odontopediatria. Ansiedade ao Tratamento Odontológico. Terapia Comportamental.

ABSTRACT

The objective of this study was to conduct a literature review on non-pharmacological behavioral management techniques applied in invasive pediatric dental procedures. A narrative literature review was conducted using the PubMed/Medline, SciELO, LILACS, Bireme, and Google Scholar databases, with articles published between 2015 and 2025, focusing on non-pharmacological approaches for invasive procedures. The main results demonstrated that verbal techniques, such as "tell-show-do," distraction, and positive reinforcement, constituted the first line of approach to reduce anxiety and build trust. It was evidenced that for invasive procedures, physical management (protective stabilization) was considered a last resort, applicable only upon failure of verbal techniques, with informed consent and strict ethical adherence to avoid trauma. It was concluded that the effective application of non-pharmacological techniques, especially those based on communication and distraction, was decisive for clinical success and the promotion of a positive experience in invasive procedures.

Keywords: Pediatric Dentistry. Dental Anxiety. Behavior Therapy.

INTRODUÇÃO

A Odontopediatria é a especialidade que visa o cuidado da saúde bucal de bebês, crianças e adolescentes, atuando de forma preventiva e curativa (Lima et al, 2022). Um dos maiores desafios nessa área é a gestão do comportamento do paciente, uma vez que a relação entre o profissional e a criança é frequentemente permeada por medo e ansiedade (Moreira et al, 2021).

Esses sentimentos são reações emocionais comuns no ambiente odontológico, que podem ser desencadeados por experiências prévias, medo do desconhecido ou pela própria ansiedade transmitida pelos pais (Sant'Anna et al, 2020; Torres et al, 2020). Quando não gerenciadas, essas emoções podem levar a comportamentos não colaborativos, dificultando a execução dos procedimentos e impactando negativamente a qualidade do tratamento (Melo et al, 2015).

Nesse cenário, a inter-relação entre a Psicologia e a Odontopediatria torna-se fundamental. O conhecimento sobre as fases do desenvolvimento infantil e os fatores psicológicos que influenciam o comportamento permite ao profissional realizar uma análise mais apurada do paciente (Moreira et al, 2021). A aplicação de conceitos da psicologia possibilita ao cirurgião-dentista adaptar sua abordagem, compreendendo que a situação de tratamento pode ser percebida como ameaçadora pela criança, o

que exige uma intervenção focada não apenas na técnica, mas também no acolhimento emocional (Lopes et al, [s.d.]).

A origem da ansiedade infantil no consultório é multifatorial. O próprio ambiente, com seus ruídos e instrumentos desconhecidos, pode ser intimidante. Além disso, a ansiedade materna demonstrou ter uma correlação direta com o comportamento negativo da criança, especialmente em pacientes com menos de cinco anos. A expectativa de dor, muitas vezes alimentada por relatos de terceiros, também contribui para uma percepção negativa antes mesmo do início de qualquer procedimento (Torres et al, 2020).

Essa percepção de ameaça é tão generalizada que, mesmo em procedimentos considerados não invasivos, como exames clínicos e profilaxias, as crianças podem apresentar sinais de desconforto e ansiedade. Tal fato sugere que o medo não está atrelado exclusivamente à complexidade do ato clínico, mas sim ao contexto odontológico como um todo. Isso reforça a necessidade constante da aplicação de técnicas de manejo em todas as consultas, independentemente do procedimento a ser realizado, para construir uma base de confiança sólida e duradoura (Melo et al, 2015).

O medo do tratamento odontológico que se instala na infância pode perdurar até a vida adulta, resultando em um ciclo de evitação das consultas, piora da condição de saúde bucal, com mais cáries não tratadas, e, conseqüentemente, da qualidade de vida (Sant'Anna et al, 2020). Isso torna o estudo das estratégias de manejo comportamental um tema de grande relevância científica e social. A aplicação de técnicas adequadas não apenas viabiliza a realização de tratamentos necessários, mas também promove uma experiência positiva para a criança, ajudando a construir uma relação de confiança com o dentista e a estabelecer hábitos de saúde bucal para toda a vida (Sant'Anna et al, 2020). A abordagem correta transforma o atendimento, tornando-o menos traumático e mais eficaz, o que é fundamental para o desenvolvimento biopsicossocial infantil (Lima et al, 2022).

Para lidar com a ansiedade e o medo, a literatura descreve diversas técnicas de manejo comportamental, que podem ser divididas em farmacológicas e não farmacológicas (Silva; Arid, [s.d.]). As técnicas não farmacológicas são a base do atendimento e buscam, por meio da psicologia, modular o comportamento do paciente (Moreira et al, 2021).

Entre as mais consagradas estão o "Falar-Mostrar-Fazer", que familiariza a criança com o procedimento de forma gradual; o reforço positivo, que recompensa comportamentos desejados; a distração, que desvia o foco de estímulos que geram ansiedade; e o controle de voz, para captar a atenção e transmitir segurança (Lima et

al, 2022; Silva; Arid, [s.d.]). Estudos recentes também apontam a eficácia de métodos de distração mais modernos, como o uso de óculos de realidade virtual e vídeos animados (Gomes et al, 2023).

O papel dos pais ou responsáveis é um fator decisivo para o sucesso do manejo. É essencial que o profissional dialogue com a família, explicando as técnicas que poderão ser utilizadas e obtendo o consentimento informado. A ansiedade dos pais pode influenciar diretamente a cooperação da criança, sendo fundamental que eles sejam orientados a transmitir segurança e a colaborar com a equipe odontológica, reforçando a confiança no tratamento proposto (Torres et al, 2020).

É imperativo ressaltar a dimensão ética e legal que rege o atendimento infantil. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura o direito da criança a ser educada e cuidada sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante (Sant'Anna et al, 2020). Qualquer técnica que restrinja a liberdade ou gere humilhação, como as aversivas (contenção física e mão sobre a boca), deve ser considerada como último recurso, empregada apenas em situações excepcionais e com o consentimento explícito dos responsáveis, pois podem ser interpretadas como tratamento desumano (Sant'Anna et al, 2020).

A literatura aponta que procedimentos considerados invasivos, como anestésias e preparos cavitários, tendem a gerar maior desconforto e reações negativas quando comparados a procedimentos não invasivos, como profilaxias (Melo et al, 2015). Essas situações, que envolvem maior potencial de dor e uso de instrumentos mais intimidadores, como agulhas e motores de alta rotação, representam o ápice do desafio no manejo comportamental. É nesses cenários que a habilidade do profissional e a escolha da técnica correta se tornam ainda mais críticas para evitar a criação de um trauma dental. Essa distinção evidencia uma lacuna na literatura sobre a aplicação direcionada das técnicas de manejo para os cenários mais desafiadores e estressantes.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre as principais técnicas de manejo comportamental não farmacológicas aplicadas especificamente em procedimentos odontopediátricos invasivos, a fim de consolidar o conhecimento sobre as abordagens mais eficazes para garantir o bem-estar do paciente e o sucesso clínico.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, conduzida para identificar e analisar as principais técnicas de manejo comportamental utilizadas em

procedimentos odontopediátricos invasivos. A pesquisa foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2025, abrangendo artigos publicados nos últimos 10 anos, no período de outubro de 2015 a outubro de 2025.

Para o levantamento bibliográfico, foram consultadas as seguintes bases de dados eletrônicas: PubMed/Medline, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Bireme e Google Scholar. Foram utilizados os seguintes descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH) e suas combinações, nos idiomas português e inglês: "Manejo Comportamental", "Ansiedade ao Tratamento Odontológico", "Odontopediatria" e "Procedimentos Invasivos".

Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram:

- Artigos que abordassem técnicas de manejo comportamental em Odontopediatria;
- Estudos cujo foco fossem procedimentos invasivos, cirúrgicos ou traumáticos;
- Publicações nos idiomas português, inglês ou espanhol;
- Artigos completos disponíveis para análise.
- Foram estabelecidos como critérios de exclusão:
 - Artigos que tratavam exclusivamente de técnicas de manejo farmacológicas (como sedação ou anestesia geral);
 - Trabalhos que não diferenciavam a aplicação das técnicas entre procedimentos invasivos e não invasivos;
 - Editoriais, cartas ao editor, resumos de congressos e artigos incompletos;
 - Publicações fora do período de tempo estipulado.

A seleção dos estudos foi realizada em duas etapas. Inicialmente, foi feita a leitura dos títulos e resumos de todos os artigos encontrados para verificar sua pertinência ao tema. Em seguida, os artigos pré-selecionados foram lidos na íntegra para confirmar se atendiam a todos os critérios de inclusão. As informações relevantes foram extraídas e analisadas de forma descritiva para compor o corpo desta revisão.

REVISÃO DA LITERATURA

Atendimento Odontológico ao Público Infantil

O atendimento odontológico ao público infantil é uma etapa essencial para a promoção da saúde bucal, pois a prevenção precoce de doenças bucais evita

complicações futuras (Shitsuka; Friggi; Volpini, 2019). Estudos apontam que a cárie dentária na infância ainda é prevalente, especialmente em populações vulneráveis, o que evidencia a necessidade de ampliação do acesso aos serviços odontológicos. A atenção básica desempenha papel crucial para o atendimento precoce e humanizado, contribuindo para a redução do impacto das doenças bucais na qualidade de vida da criança (Moreira et al, 2025).

A cobertura odontológica na infância ainda é desigual, com muitos municípios apresentando déficit no atendimento a crianças de até 5 anos. A baixa procura de serviços odontológicos nessa faixa etária pode estar associada à falta de informação e receio dos responsáveis. Programas públicos efetivos que incentivem o atendimento nas fases iniciais da vida são importantes para superar essas barreiras (Teixeira; Roncali; Noro, 2018).

A humanização do atendimento é apontada como estratégia para melhorar a adesão ao tratamento infantil. A presença de profissionais capacitados para lidar com as demandas comportamentais contribui para a criação de vínculos de confiança. Ambientes acolhedores e comunicação adequada elevam a satisfação dos pais e crianças, favorecendo o retorno e continuidade do cuidado (Moreira et al, 2025).

O planejamento das ações odontológicas deve estar integrado às políticas públicas de saúde, garantindo continuidade e qualidade dos serviços (Teixeira; Roncali; Noro, 2018). A capacitação profissional deve incluir competências técnicas e humanísticas, preparando para o atendimento de populações diversas e em situações de vulnerabilidade (Shitsuka; Friggi; Volpini, 2019). A valorização do papel do odontopediatra na atenção básica é fundamental para melhoria dos indicadores de saúde (Simões et al, 2016).

Estudos recentes mostram que o atendimento odontológico infantil sofreu impactos durante a pandemia da COVID-19, com redução nos atendimentos preventivos e aumento nas necessidades de tratamento de urgência, de forma que a literatura reforça a necessidade de estratégias de recuperação e fortalecimento dos serviços, priorizando a atenção integral ao público infantil (Allegretto et al, 2023).

A atenção aos determinantes sociais da saúde é aspecto indispensável para compreender as desigualdades no acesso e na prevalência das doenças bucais infantis (Moreira et al, 2025). A abordagem multidisciplinar e comunitária pode potencializar as ações de promoção e prevenção. Políticas que consideram o contexto socioeconômico contribuem para a efetividade do atendimento odontológico infantil (Teixeira; Roncali; Noro, 2018).

A consolidação de ações educativas e preventivas, associadas à qualificação contínua das equipes, são elementos centrais para o avanço do atendimento odontológico na infância (Corrêa; Selestete, 2015). Essas ações devem envolver a família e a comunidade para um cuidado integral e sustentável (Moreira et al, 2025).

Técnicas de Manejo Verbais

As técnicas de manejo verbais são amplamente utilizadas para promover um ambiente de confiança e reduzir a ansiedade infantil durante o atendimento odontológico. O método “dizer-mostrar-fazer”, controle vocal, distração e reforço positivo são estratégias comprovadas para melhorar a colaboração da criança. A comunicação adaptada à faixa etária, com linguagem simples e gestos compreensíveis, facilita a compreensão e reduz o medo (Simões et al, 2016).

O controle da voz do profissional, com tom calmo e firme, auxilia no estabelecimento da autoridade sem causar estresse (Coelho; Coelho, Costa, 2021). A distração, por meio de música, brinquedos ou histórias, é eficaz para desviar a atenção de procedimentos dolorosos. Além disso, o reforço positivo, elogiando comportamentos adequados, estimula o comportamento cooperativo (Silva et al, 2016).

A modelagem comportamental, que consiste em apresentar previamente o procedimento por meio da demonstração, prepara a criança para o atendimento. Essa técnica reduz a imprevisibilidade e o medo associado ao desconhecido. A empatia e paciência do profissional são fatores fundamentais para o sucesso dessas técnicas (Gonçalves; Primo; Pintor, 2021).

As técnicas verbais são consideradas primeira linha em protocolos de manejo do comportamento infantil, sendo recomendadas antes do uso de estratégias mais invasivas ou farmacológicas (Gonçalves; Primo; Pintor, 2021). A boa comunicação fortalece o vínculo entre criança, responsável e profissional, facilitando o manejo global do paciente (Simões et al, 2016).

Pesquisas recentes ressaltam que a formação continuada dos profissionais em técnicas de comunicação específica para crianças pode aumentar significativamente o índice de sucesso nos tratamentos odontológicos pediátricos (Simões et al, 2016). Por isso, tais técnicas devem ser incorporadas na formação básica e na atualização profissional (Gonçalves; Primo; Pintor, 2021).

O contexto cultural e social da criança também deve ser considerado na escolha das estratégias verbais, respeitando diferenças e promovendo a inclusão, ao

ponto de que as técnicas verbalmente adaptadas promovem uma experiência mais positiva e colaborativa para pacientes de diferentes origens (Silva et al, 2016).

Manejo Físico

O manejo físico envolve técnicas para limitar temporariamente o movimento da criança durante procedimentos odontológicos, garantindo a segurança do paciente e da equipe (Villar et al, 2020). Entre as técnicas estão a contenção ativa, passiva e estabilização protetora, amplamente estudadas e reguladas para evitar trauma, de forma que essas técnicas são indicadas principalmente em crianças não colaboradoras, com comportamento inadequado para a realização do tratamento (Villar et al, 2020).

O uso do manejo físico deve ser pautado em rigorosos critérios éticos e legais, incluindo consentimento informado dos responsáveis. O emprego inadequado ou abusivo pode causar efeitos psicológicos negativos e contribuir para a formação de fobias odontológicas (Neto et al, 2023). Portanto, seu uso é restrito ao necessário e associado sempre a técnicas de manejo complementares.

Estudos mostram que a combinação do manejo físico com técnicas verbais aumenta a eficácia do atendimento em pacientes com comportamento difícil (Machado et al, 2015). A abordagem multidisciplinar para crianças com necessidades especiais também inclui a aplicação criteriosa dessas técnicas, sempre com preparo e suporte adequados (Neto et al, 2023).

Controvérsias éticas existem quanto ao uso da contenção na odontologia infantil, destacando-se a necessidade de protocolos que privilegiam o respeito ao paciente e a humanização do atendimento. Pesquisas apontam para a redução da frequência do uso dessas técnicas à medida que se investe em prevenção do medo e ansiedade (Nóbrega; Barbosa; Brum, 2018).

As recomendações atuais orientam priorizar o menor grau possível de contenção, com preferência por contenções passivas e limitando o tempo de uso. O treinamento da equipe odontológica é essencial para reconhecer quando e como aplicar o manejo físico com segurança (Machado et al, 2015).

Alterações neuropsicológicas e traumas prévios da criança devem ser avaliados para adaptar a estratégia de manejo físico. O cuidado deve sempre proteger a integridade física e emocional do paciente, promovendo um ambiente seguro (Nóbrega; Barbosa; Brum, 2018).

Manejo Farmacológico

O manejo farmacológico é utilizado como recurso complementar para controlar ansiedade, dor e comportamento não colaborativo em odontopediatria (Gomes; Stabile; Ximenes, 2020). Entre os fármacos mais utilizados estão ansiolíticos e sedativos, que devem ser administrados com rigoroso controle de doses e monitoramento (Silva et al, 2024). A amoxicilina é o antibiótico de primeira escolha para infecções odontogênicas, seguindo protocolos baseados em evidências (Gomes; Stabile; Ximenes, 2020).

A sedação consciente apresenta modalidades como inalatória com óxido nítrico e sedação oral, indicadas para casos específicos em que técnicas comportamentais são insuficientes, no entanto, o protocolo medicamentoso deve respeitar a faixa etária, peso e condições clínicas do paciente para minimizar riscos (Aires et al, 2022).

A racionalidade no uso de antibióticos é fundamental para prevenir a resistência bacteriana, sendo recomendada apenas para casos de infecção comprovada associada a procedimentos (Fernandes; Leal, 2024). Além disso, analgésicos comuns como paracetamol e dipirona são eficazes para controle da dor pós-operatória (Gerzson et al, 2021).

Pesquisas recentes reforçam a necessidade de capacitação específica dos profissionais para prescrição segura e correta de medicamentos em odontopediatria, uma vez que protocolos atualizados visam garantir segurança e reduzir eventos adversos (Catarino et al, 2021).

O manejo farmacológico deve ser sempre o último recurso, associado a outras técnicas de manejo comportamental, para garantir o atendimento humanizado, tendo em vista que o acompanhamento multidisciplinar e a educação dos pais são essenciais para o sucesso do tratamento farmacológico (Miquelante, 2024).

O manejo farmacológico surge como um recurso complementar essencial quando as técnicas de manejo não farmacológicas se mostram insuficientes para obter a colaboração da criança (Aires et al, 2022). Essa abordagem visa controlar não apenas a ansiedade e o comportamento não colaborativo (Gomes; Stabile; Ximenes, 2020), mas também a dor e eventuais processos infecciosos, garantindo a segurança e a viabilidade do tratamento. Seu uso deve ser considerado o último recurso, após a falha das técnicas convencionais, e sempre associado a outras técnicas de manejo para humanizar o atendimento (Miquelante, 2024).

A abordagem farmacológica para o controle comportamental foca primariamente na sedação consciente. A indicação e a execução dessa modalidade exigem capacitação profissional rigorosa, visto que a segurança do paciente pediátrico demanda que o procedimento seja conduzido por um médico anestesista ou por um cirurgião-dentista que possua habilitação legal específica para tal. A prescrição e administração de sedativos requerem conhecimento aprofundado sobre dosagem, interações medicamentosas e manejo de emergências (Catarino et al, 2021).

Dentre as modalidades de sedação consciente mais utilizadas em consultório odontopediátrico, destacam-se a sedação inalatória com óxido nitroso e a sedação oral, frequentemente com o uso de ansiolíticos como os benzodiazepínicos (Aires et al, 2022). A escolha do fármaco e da via de administração depende do nível de ansiedade do paciente e da complexidade do procedimento invasivo. O objetivo é alcançar um estado de relaxamento que permita a cooperação, mantendo a criança consciente e responsiva aos estímulos verbais (Aires et al, 2022; Gomes; Stabile; Ximenes, 2020).

Dentre os fármacos utilizados para sedação oral, o Midazolam se destaca como um dos benzodiazepínicos de primeira escolha na odontopediatria, sendo amplamente citado na literatura por sua eficácia (Aires et al, 2022). Sua popularidade se deve à rápida absorção, meia-vida curta (o que facilita a alta do paciente) e, crucialmente, suas propriedades ansiolíticas e de amnésia anterógrada. Essa capacidade de causar amnésia impede que a criança forme memórias negativas ou traumáticas do procedimento invasivo, o que é considerado um fator fundamental para o sucesso do manejo comportamental a longo prazo e a aceitação de futuros tratamentos.

O manejo da sedação durante o atendimento não se resume à administração do fármaco; o monitoramento contínuo dos sinais vitais é mandatório. A equipe deve estar apta a acompanhar os parâmetros do paciente, incluindo oximetria de pulso, frequência cardíaca e nível de consciência (Aires et al, 2022). Esse controle rigoroso é vital para minimizar riscos e garantir uma intervenção segura, sendo um pilar da prescrição responsável em odontopediatria (Catarino et al, 2021).

Paralelamente ao controle da ansiedade, o manejo farmacológico da dor é crucial em procedimentos invasivos. O controle da dor pós-operatória é frequentemente realizado com analgésicos comuns, como o paracetamol e a dipirona (Gerzson et al, 2021). A correta prescrição analgésica é parte integral do atendimento, prevenindo experiências negativas associadas à dor, que poderiam reforçar a ansiedade em futuras consultas (Gerzson et al, 2021).

O manejo farmacológico também abrange a terapêutica antimicrobiana. Em casos de infecções odontogênicas estabelecidas, a amoxicilina é frequentemente citada como o antibiótico de primeira escolha (Gomes; Stabile; Ximenes, 2020). Contudo, a literatura enfatiza a importância da racionalidade no uso de antibióticos, recomendando sua prescrição apenas para casos de infecção comprovada ou em profilaxias específicas, a fim de prevenir o grave problema da resistência bacteriana (Fernandes; Leal, 2024).

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão de literatura sobre as principais técnicas de manejo comportamental não farmacológicas aplicadas especificamente em procedimentos odontopediátricos invasivos, visando consolidar as abordagens mais eficazes para o bem-estar do paciente e o sucesso clínico.

A análise da literatura permitiu constatar que as técnicas não farmacológicas são a base fundamental para o atendimento, mesmo nos procedimentos mais complexos. As abordagens verbais, notadamente o "dizer-mostrar-fazer", a distração e o reforço positivo, foram identificadas como estratégias de primeira escolha para reduzir a ansiedade e construir uma relação de confiança.

Em relação direta aos procedimentos invasivos, que apresentam maior potencial de gerar medo e comportamento não colaborativo, a literatura aponta o manejo físico (estabilização protetora) como um último recurso. Seu uso é estritamente condicionado à falha das técnicas verbais e à necessidade de garantir a segurança do paciente, devendo sempre ser aplicado mediante consentimento informado dos responsáveis e em respeito aos preceitos éticos e legais, a fim de evitar traumas.

Conclui-se que a aplicação eficaz de técnicas não farmacológicas, com ênfase na comunicação e distração, é determinante para o sucesso dos procedimentos invasivos, transformando a experiência da criança e promovendo a adesão ao tratamento. Sugere-se a realização de novas pesquisas, como ensaios clínicos comparativos, para avaliar a eficácia de métodos modernos de distração, como a realidade virtual, em procedimentos invasivos de alta complexidade.

REFERÊNCIAS

AIRES, C. C. G. et al. Uma análise crítica sobre o uso dos diversos métodos de sedação consciente na odontologia: revisão atualizada da literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 1, p. e9667, 2022. Disponível em:

https://www.brcris.ibict.br/vivo/display/publ_ba064ac3-d289-4bcd-95a2-ee71d34ebc51. Acesso em: 27 abr. 2026.

ALLEGRETTO, M. et al. Odontopediatria en el contexto de la COVID-19: publicaciones científicas y práctica clínica. **Revista de Odontopediatria Latinoamericana**, v. 13, 2023. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2174-07982023000100603. Acesso em: 27 abr. 2026.

CATARINO, K. F. F. et al. Como fazer uma correta prescrição medicamentosa e quais os importantes cuidados. **Revista Fluminense de Odontologia**, v. 27, n. 55, p. 108-120, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ijosd/article/download/41005/23521>. Acesso em: 27 abr. 2026.

COELHO, V. F. D.; COELHO, L. V. D.; COSTA, A. M. G. Técnicas de manejo em odontopediatria: uma revisão narrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e414101119489, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19489>. Acesso em: 27 abr. 2026.

CORRÊA, G. T.; CELESTE, R. K. Associação entre a cobertura de equipes de saúde bucal na saúde da família e o aumento na produção ambulatorial dos municípios brasileiros, 1999-2011. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 12, p. 2588-2598, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2015.v31n12/2588-2598/>. Acesso em: 27 abr. 2026.

FERNANDES, J. S. D.; LEAL, G. S. Processos decisórios na prescrição de antimicrobianos: artigo de revisão. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)**, v. 46, n. 1, p. 99-118, 2024. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/4881. Acesso em: 27 abr. 2026.

GERZSON, A. et al. Controle farmacológico da dor pós-operatória na odontologia: uma revisão. **Revista Sul-Brasileira de Odontologia**, v. 18, n. 1, p. 107-114, 2021. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/20406/2/Pharmacological_management_of_postoperative_pain_in_dentistry_a_Review.pdf. Acesso em: 27 abr. 2026.

GOMES, F. P. et al. Técnicas de manejo comportamental não convencionais em crianças. **E-Acadêmica**, v. 4, n. 3, p. e1343519, 2023. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/519>. Acesso em: 27 abr. 2026.

GOMES, G. B.; STABILE, C. L. P.; XIMENES, V. S. Avaliação e manejo da ansiedade e fobia odontológica: a psicologia na formação do cirurgião-dentista. **Revista da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre**, v. 61, n. 2, p. 80-94, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistadaFaculdadeOdontologia/article/view/101020>. Acesso em: 27 abr. 2026.

GONÇALVES, Y.; PRIMO, L.; PINTOR, A. Técnicas psicológicas para manejo odontológico de pacientes com transtorno do espectro autista. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 22, n. 3, p. 867-880, 2021. Disponível em: https://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862021000300867. Acesso em: 27 abr. 2026.

LIMA, A. P. C. et al. Técnicas de manejo comportamental não farmacológicas em odontopediatria. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. e209111637644, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37644>. Acesso em: 27 abr. 2026.

LOPES, C. J. O. et al. Técnicas de manejo comportamental não farmacológica em odontopediatria. In: **Odontologia: Tópicos em Atuação Odontológica**. [S. l.: s. n.], 2020. p. 162-171. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/346831365>. Acesso em: 27 abr. 2026.

MACHADO, G. C. M. et al. Does protective stabilization of children during dental treatment break ethical boundaries? A narrative literature review. **Oral Health and Dental Management**, v. 14, n. 4, p. 188-193, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/4e323d9a-c4d0-4ebb-87d2-11a310f9cad7>. Acesso em: 27 abr. 2026.

MELO, R. B. et al. Avaliação da relação entre procedimentos odontológicos e comportamento infantil. **Revista de Odontologia do Brasil Central**, v. 24, n. 68, p. 20-25, 2015. Disponível em: <https://www.robrac.org.br/seer/index.php/ROBRAC/article/view/912>. Acesso em: 27 abr. 2026.

MIQUELANTE, A. A. Terapêutica medicamentosa em odontologia. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 3069-3075, 2024. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih.s/article/view/4537>. Acesso em: 27 abr. 2026.

MOREIRA, J. S. et al. Técnicas de manejo comportamental utilizados em odontopediatria frente ao medo e ansiedade. **E-Acadêmica**, v. 2, n. 3, p. e032334, 2021. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/34>. Acesso em: 27 abr. 2026.

MOREIRA, I. et al. Humanização do atendimento odontopediátrico: transformando o medo em adesão ao tratamento. **Revista Delos**, v. 18, n. 65, p. e4362, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/4362>. Acesso em: 27 abr. 2026.

NETO, J. B. L. et al. Desafios para a realização de cirurgia oral menor em pacientes pediátricos. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 13, p. e46121344136, 2023. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/703b6e27f58a24e463ef149744bd8fe296890eea>. Acesso em: 27 abr. 2026.

NÓBREGA, M. L.; BARBOSA, C. C. N.; BRUM, S. C. Implicações da perda precoce em odontopediatria. **Revista Pró-UniversUS**, v. 9, n. 1, p. 61-67, 2018. Disponível em: <https://doaj.org/article/8c4f1f92161e45d2a225cabca41b8963>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SANT'ANNA, R. M. et al. Aspectos éticos e legais das técnicas de manejo de comportamento em odontopediatria: uma revisão narrativa da literatura. **Revista Brasileira de Odontologia Legal**, v. 7, n. 2, p. 70-80, 2020. Disponível em: <https://portalabol.com.br/rbol/index.php/RBOL/article/view/320>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SILVA, L. F. P. et al. Técnicas de manejo comportamental não farmacológicas na odontopediatria. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, v. 28, n. 2, p. 135-142, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/revistadaodontologia/article/view/223>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SIMÕES, F. X. P. C. et al. Percepção dos pais sobre as técnicas de manejo comportamental utilizadas em odontopediatria. **Revista Brasileira de Odontologia**, v. 73, n. 4, p. 277, 2016. Disponível em: http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72722016000400004. Acesso em: 27 abr. 2026.

TEIXEIRA, A. K. M.; RONCALLI, A. G.; NORO, L. R. A. Iniquidades na assistência odontológica ao longo do curso de vida de jovens: um estudo de coorte. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 249-258, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n1/249-258/>. Acesso em: 27 abr. 2026.

TORRES, M. E. B. B.; SOUZA, K. L. B.; CRUZ, V. S. A. Estratégias de controle do medo e ansiedade em pacientes odontopediátricos: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. e5213, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5213>. Acesso em: 27 abr. 2026.

VILLAR, B. et al. Técnicas en el manejo de la conducta del paciente odontopediátrico. **Científica Dental**, p. 27-34, 2020. Disponível em: <https://cientificadental.es/tecnicas-en-el-manejo-de-la-conducta-del-paciente-odontopediatico/>. Acesso em: 27 abr. 2026.